

Ruth Tucker

MISSÕES

ATÉ OS CONFINS DA
TERRA

uma história
biográfica

Shedd

Sumário

- Prefácio da segunda edição - 11
- Prefácio da primeira edição - 13
- Prefácio à edição em português - 15

PARTE UM: O AVANÇO IRRESISTÍVEL - 17

1. Os primeiros séculos: a evangelização do Império Romano - 23

- O APÓSTOLO PAULO - 28
- POLICARPO - 33
- PERPÉTUA - 36
- ULFILAS - 38
- PATRÍCIO - 41
- COLUMBA - 45

2. Missões romanas: batizando as multidões - 51

- BONIFÁCIO (WINFRIED) - 55
- ANSKAR - 59
- CIRILO E METÓDIO - 61
- RAYMOND LULL - 64
- BARTOLOMEU DE LAS CASAS - 69
- FRANCISCO XAVIER - 71
- MATEUS RICCI - 76

3. Missões para os índios norte-americanos: em busca do “nobre selvagem” - 83

- PAUL LE JEUNE - 85
- JOHN ELIOT - 86
- OS MAYHEWS - 92
- DAVID BRAINERD - 93
- ELEAZER WHEELLOCK - 98

DAVID ZEISBERGER - 99
 ISAAC MCCOY - 100
 MARCUS E NARCISSA WHITMAN - 103

4. O avanço dos morávios: aurora das missões protestantes - 113

CONDE NICOLAUS LUDWIG VON ZINZENDORF - 116
 CHRISTIAN DAVID E HANS EGEDE - 121
 GEORGE SCHMIDT - 127

PARTE DOIS: O “GRANDE SÉCULO” - 133

5. Sul da Ásia central: confrontando credos antigos - 137

WILLIAM CAREY - 138
 ADONIRAM E ANN JUDSON - 148
 GEORGE E SARAH BOARDMAN - 159
 ALEXANDER DUFF - 161
 JAMES E ISABELLA THOBURN - 164

6. A África negra: “cemitério do homem branco” - 169

ROBERT E MARY MOFFAT - 171
 DAVID LIVINGSTONE - 179
 GEORGE GRENFELL - 187
 WILLIAM SHEPPARD - 190
 ALEXANDER MACKAY - 192
 MARY SLESSOR - 196

7. CHINA: “OS BÁRBAROS NÃO SÃO BEM-VINDOS” - 205

ROBERT MORRISON - 207
 LIANG AFA - 212
 KARL F. A. GUTZLAFF - 214
 J. Hudson Taylor - 216
 Jonathan e Rosalind GOFORTH - 234
 MILDRED CABLE - 239

8. AS ILHAS DO PACÍFICO: PREGANDO NO “PARAÍSO” - 243

HENRY NOTT E OS MISSIONÁRIOS DO DUFF - 246
 HIRAM BINGHAM E AS MISSÕES HAVAIANAS - 251
 JOHN WILLIAMS - 256
 JOHN G. PATON - 262
 JAMES CHALMERS - 267
 JOHN COLERIDGE PATTESON - 269
 FLORENCE YOUNG - 273

9. O mundo muçulmano: campo missionário no deserto - 277

HENRY MARTYN - 280
 SAMUEL ZWEMER - 283
 TEMPLE GAIRDNER - 287
 CONSTANCE PADWICK - 291
 MAUDE CARY - 295

10. Coreia e Japão: receptividade contrastante - 303

HORACE ALLEN - 305
 HENRY APPENZELLER - 308
 HORACE E LILLIAS HORTON UNDERWOOD - 312
 JOHN L. NEVIUS - 315
 INICIATIVAS DE MISSÃO PROTESTANTE NO JAPÃO - 319
 WILLIAM SMITH CLARK E KANZO UCHIMURA - 320
 CHARLES E LETTIE COWMAN - 325
 MABEL FRANCIS - 327

PARTE TRÊS: O ENVOLVIMENTO EM EXPANSÃO - 333

11. As missionárias solteiras: “cidadãs de segunda classe” - 339

ADELE MARION FIELDE - 343
 CHARLOTTE (LOTTIE) DIGGS MOON - 347
 AMY CARMICHAEL - 353
 JOHANNA VEENSTRA - 358
 GLADYS AYLWARD - 361

12. Estudantes voluntários: renunciando à riqueza e ao prestígio - 371

C. T. STUDD - 373
 JOHN R. MOTT - 380
 ROBERT E. SPEER - 386
 FLETCHER BROCKMAN - 389
 E. STANLEY JONES - 392

13. Missionários da “fé”: dependentes apenas de Deus - 399

A. B. SIMPSON E A ALIANÇA CRISTÃ E MISSIONÁRIA - 401
 FREDERICK FRANSON E O TEAM — THE EVANGELICAL ALLIANCE MISSION
 [A ALIANÇA EVANGÉLICA MISSIONÁRIA] - 405
 ROWLAND BINGHAM E A MISSÃO PARA O INTERIOR DO SUDÃO - 407
 PETER CAMERON SCOTT E A MISSÃO PARA O INTERIOR DA ÁFRICA - 412
 C. I. SCOFIELD E A MISSÃO PARA A AMÉRICA CENTRAL - 416
 JOE MORENO E A MISSÃO ÀS NOVAS TRIBOS - 419
 JIM ELLIOT E A OPERAÇÃO AUCA - 425
 ELIZA DAVIS GEORGE E A MISSÃO NATIVA ELIZABETH PARA O INTERIOR - 434

14. Inovação e engenhosidade: o chamado por especialização - 441

AS MISSÕES MÉDICAS: “ANJOS DA MISERICÓRDIA” - 443

IDA SCUDDER - 446

JESSIE E LEO HALLIWELL - 451

CARL BECKER - 453

WILLIAM CAMERON TOWNSEND E A TRADUÇÃO DA BÍBLIA - 457

CLARENCE W. JONES E A HCJB, “A VOZ DOS ANDES” - 464

ELIZABETH “BETTY” GREENE - 471

PARTE QUATRO: A ERA DO NOVO MILÊNIO - 481**15. Mártires do século XX: “yankee, vá embora” - 485**

BETTY E JOHN STAM E OS MÁRTIRES CHINESES - 488

PAUL CARLSON E OS MÁRTIRES DO CONGO - 493

BETTY OLSEN E OS MÁRTIRES DO VIETNÃ - 498

CHET BITTERMAN E OS MÁRTIRES DA AMÉRICA LATINA - 502

WILLIAM DONALD McCLURE - 506

16. Missões no Terceiro Mundo: alcance de igrejas mais jovens - 511

PANDITA RAMABAI - 514

WILLIAM WADE HARRIS - 520

SEMISI NAU - 522

JOHN SUNG - 524

ELKA DE WAI-WAI - 527

17. Novos métodos e estratégias: alcançando o mundo de amanhã - 533

R. KENNETH (KEN) STRACHAN - 537

ORLANDO COSTAS - 542

DONALD MCGAVRAN - 545

RALPH E ROBERTA WINTER - 549

LESLIE NEWBIGIN - 552

18. Santos e celebridades: apelo às massas - 557

BOB PIERCE - 559

BRUCE OLSON - 560

MADRE TERESA DE CALCUTÁ - 561

O IRMÃO ANDRÉ E PORTAS ABERTAS - 565

HELEN ROSEVEARE - 569

JACKIE PULLINGER - 575

DON RICHARDSON - 578

19. Missões brasileiras o gigante começa a despertar... - 585

A HISTÓRIA DAS MISSÕES NO BRASIL - 586

MISSÕES E MISSIONÁRIOS QUE VIERAM PARA O BRASIL - 587

SPAULDING E KIDDER - 587

O CASAL KALLEY (por Charles Bacon) - 590

ASHBEL GREEN SIMONTON (por Alma Gordon) - 593

OS CASAIS BAGBY E TAYLOR - 595

GUNNAR VINGREN E DANIEL BERG - 597

DONALDO E HELENA GORDON (por Alma Gordon) - 599

MISSÕES E MISSIONÁRIOS TRANSCULTURAIS DO BRASIL - 602

UMA FALTA DE DESENVOLVIMENTO - 602

ALGUMAS EXCEÇÕES - 603

MOTA SOBRINHO E PASCOAL PITA (POR ALMA GORDON) - 603

LOIDE E ORLANDO ANDRADE (MISSÃO CAIUÁ) (por Alma Gordon) - 606

PAULO CORENCHUC (por Lídia Corenchuc) - 609

ACONTECIMENTOS RECENTES - 613

NILO E MARY HAWKINS - 613

OUTRAS INFLUÊNCIAS - 613

Pós-escrito - 619

Prefácio da segunda edição

Mais de duas décadas já se passaram desde que a primeira edição deste volume foi publicada. Ainda era novata no campo do estudo de missões. Três anos antes, quando fui escolhida para dar um curso sobre a história das missões, um colega comentou: “Esse curso é muito importante, mas é uma pena que o assunto dessa matéria seja tão enfadonho”. Ele estava certo. Na época, os textos de missões disponíveis sobre as missões cristãs no mundo eram enciclopédicas — cheia de nomes, e datas, e estatísticas, além de apresentarem um vasto conjunto de detalhes factuais sobre as organizações de missões e de localizações geográficas. Precisava de um texto que envolvesse meus alunos. Meu estilo de ensinar gravitava em torno de um conteúdo alimentado por questões espinhosas e biografias brutalmente honestas.

Na preparação de meu curso, descobri rapidamente que os debates mais interessantes e as controvérsias na história da igreja tinham relação com o alcançar outras pessoas para Cristo e o evangelismo. E o bônus adicional era o vívido elenco de personagens. Muitas vezes imaginei, enquanto estudava a história das missões, se havia algum outro campo de empreendimento que tenha sido realizado por um grupo tão “louco” como o dos missionários. Muitos deles eram, assim me pareceu, mais excêntricos, e perigosos, e individualistas, e determinados que outros segmentos da população. Muitos deles, com frequência se sacrificando ao extremo, eram também pedantes, e críticos, e mesquinhos — incapazes de viver com aqueles para quem buscavam ministrar.

Quando penso nos missionários das gerações passadas, lembro-me de Sonny, o personagem principal do filme de Robert Duvall, *O apóstolo*, e do livro de Michael Yaconelli, *Messy Spirituality* [*Espiritualidade confusa*]. Sonny era um pregador e evangelista cujo compromisso com o ministério era incomparável. No entanto, ele tinha pés de barro. Seus pecados eram tão grandes quanto seu coração. Ele era determinado. Nada o impedia de seguir adiante — nem mesmo a espiritualidade

confusa que moldou toda sua *persona*.^{*} No final, ele teve de prestar contas à justiça e, na última cena do filme, quando os créditos já estavam aparecendo na tela, vemos Sonny acorrentado a um grupo de pessoas na mesma situação que ele — ainda pregando o evangelho.

A história fascinante de Sonny e sua espiritualidade confusa foi encenada vez após outra no cenário de missões — muitas vezes com questões críticas serpenteando em meio da falta de compreensão cultural. Aqui a teologia é rudimentar e básica. Quem é Deus — à luz das outras religiões? Qual o destino daqueles que nunca ouviram o evangelho? A mensagem é de contextualização ou transformação? Em que ponto a competição acaba, e a harmonia ecumênica se inicia? As questões que perturbavam os missionários do passado ainda podem nos perturbar hoje — não só no campo missionário, mas em nossa terra natal.

Mas onde fica nossa “terra natal”? Duas décadas atrás, havia uma grande distinção entre *terra natal* e *estrangeiro*. Hoje essas distinções são deixadas de lado à medida que missionários cruzam o globo de lá para cá. Essa nova edição reflete esse fenômeno da globalização e representa, de forma mais completa, os missionários de toda a *comunidade* da fé cristã — desde os católicos até os pentecostais. O material foi atualizado sempre que apropriado, e novas informações foram acrescentadas — tudo pelo esforço humilde para contar uma história incrivelmente boa.

Prefácio da primeira edição

Como se escreve uma história de missões cristãs uma história que abrange milhares de profissionais de respeito, enviados por centenas de sociedades missionárias para cada país do mundo durante um período de cerca de dois mil anos? Esse assunto vastíssimo tem sido lamentavelmente quase invalidado pelos historiadores que tentaram comprimir um número excessivo de datas, eventos, organizações e nomes em um único volume. A história das missões não é, porém, uma compilação de fatos áridos. Trata-se de um registro fascinante de lutas e emoções humanas, entrelaçadas com tragédias, aventuras, romances, intrigas e tristezas.

O Cristianismo tornou-se a maior religião mundial unicamente através dos esforços incansáveis de seus missionários, um fator que mudou a história do mundo. “O cristianismo mundial”, escreve Lesslie Newbigin, “é o resultado da grande expansão missionária dos dois últimos séculos. Essa expansão, qualquer que seja a nossa atitude para com o cristianismo, é um dos fatos mais notáveis da história humana. Uma das esquisitices da atualidade... é a maneira como o evento é tão constantemente ignorado ou subestimado”.

Da mesma forma que a impressionante expansão do cristianismo tem sido ignorada e depreciada, os homens e mulheres responsáveis por ela também foram negligenciados. Eles foram indivíduos que estavam perfeitamente à altura da tarefa realizada, impelidos por um sentimento de urgência raramente visto até mesmo em associação às causas mais patrióticas e militantes. “Os primeiros missionários foram guerreiros natos e homens de grande valor”, escreveu Pearl Buck (que dificilmente poderia ser chamada de fã ardorosa das missões). “Nenhuma alma covarde ou tímida poderia navegar para terras estranhas e desafiar a morte e o perigo a não ser que levasse a religião como bandeira, sob a qual a própria morte seria uma glória. Partir, clamar, advertir e salvar outros eram exigências assustadoras feitas à alma já salva. Havia uma espécie de loucura de necessidade – uma agonia de salvação.”

Quem foram esses missionários que tanta coisa sacrificaram, a fim de levar o evangelho até aos confins da terra? Seriam gigantes espirituais que superaram gloriosamente os obstáculos confrontados? Não. Eram indivíduos comuns, perseguidos pelas debilidades e falhas humanas. Nada de “supersantos”. À semelhança do elenco de personagens bíblicos pitorescos que surgem a partir de Gênesis e que continuam através do Novo Testamento, eles eram quase sempre marcados por falhas de personalidade e extravagâncias. Estavam, porém, dispostos a ser usados por Deus apesar de suas fraquezas humanas e foi nesse sentido que puderam deixar uma impressão indelével sobre o mundo.

Ao pensar na grande força missionária que se espalhou por todo o mundo durante os séculos passados, os nomes que geralmente nos ocorrem são os daqueles grandes vultos – David Brainerd, William Carey, Adoniram Judson, David Livingstone ou Hudson Taylor. Mas mulheres – solteiras e casadas — constituíram quase dois terços da força missionária norte-americana. A vida familiar e os filhos tiveram uma influência significativa sobre a obra missionária. “Os problemas familiares”, escreveu Harold J. Westing, “são o motivo número um das perdas na lista de missionários”. Assim, uma forte ênfase sobre a vida familiar é plenamente justificada em um registro histórico das missões cristãs.

O desafio mais árduo no preparo de uma história biográfica do movimento missionário cristão tem sido o de limitar o número de indivíduos a serem incluídos. Em análise final, a escolha dos personagens tratados e os fatos e incidentes em suas vidas a serem destacados é uma decisão subjetiva do autor. Grande número de missionários e sociedades de missões foi excluído; outros, talvez menos credenciados, tiveram seus nomes incluídos. Esperamos que este relato abranja um grupo realmente representativo daqueles que tão bravamente serviram na linha de frente do progresso cristão.

O fato de a biografia constituir o elemento que liga a história das missões cristãs é perfeitamente justo. Ralph Waldo Emerson disse certa vez que não existe “propriamente história, apenas biografia”, cuja percepção é essencialmente verdadeira no que se refere a qualquer campo da história. Mas a biografia é especialmente adequada para descrever a história das missões. O movimento cristão missionário através dos séculos tem sido perpetuado pela biografia missionária. De fato, escreve Geoffrey Moorhouse, ele “se tornou o estímulo... mais proveitoso” para essa vocação durante o século XIX. Esperamos então que este livro não apenas informe e ensine, mas também inspire os leitores para que desejem ser usados por Deus na maior causa de toda a história humana.

Prefácio à edição em português

O livro de Atos no Novo Testamento não está concluído. Ele não relata o fim da vida de Paulo nem a continuação da história das igrejas fundadas por ele e por outros. Os atos do Espírito Santo não terminaram no capítulo 28. Deus continuou usando homens e mulheres, como ele começou a fazer no dia de Pentecostes, para expandir o seu Reino até aos confins da terra. Esses homens e mulheres da Bíblia eram imperfeitos, à semelhança dos personagens da história subsequente e atual. Mas, para aqueles que estavam dispostos a deixar tudo e seguir o Senhor, nosso Deus realizou seu plano, utilizando-os naquele lugar e momento para que seus propósitos fossem atingidos.

Este livro conta alguns trechos da história desses homens e mulheres de Deus. Fala de suas vitórias, falhas e lutas. Não sabemos tudo o que se passou, mas conhecemos um pouco por causa dos escritos de algumas pessoas. Ruth Tucker, nesta coleção agora em português, sintetizou o seu conhecimento e sua interpretação de várias vidas de missionários para oferecer hoje algumas lições da comunidade cristã do passado.

A sra. Tucker escreve do ponto de vista biográfico, não a partir de uma série de datas e movimentos. Ela nos ajuda viver, junto com personagens da história cristã, as suas aventuras em levar o evangelho ao mundo. O capítulo específico sobre missões no Brasil foi adicionado para que a história se aproxime ainda mais da nossa realidade.

Juntos, podemos aproveitar seu trabalho, pois também somos homens e mulheres que fazem a história da expansão da Igreja. Somos membros da mesma comunidade, a que forma o Corpo de Cristo, e este se estende pelos séculos até o presente momento. Ouçamos o que o passado tem a nos dizer, aproveitando os fracassos e sucessos narrados nesta obra. Acima de tudo, continuemos nos dedicando ao Reino de Deus e buscando a sua glória neste mundo.

Barbara Burns

parte um

O avanço irresistível

O sentido urgente da Grande Comissão dada por Jesus aos seus discípulos não foi provavelmente bem compreendida por muitos crentes do Novo Testamento, nem foi o ímpeto primário para o crescimento rápido da igreja durante os primeiros séculos. A perseguição espalhou os crentes através de todo o mundo mediterrâneo, e o cristianismo logo lançou raízes; no início, primeiro entre os gentios que já possuíam um interesse inicial por frequentarem as sinagogas. No final do século I, a igreja estava começando a se mover para a Europa, África e Ásia. “Se a Igreja tivesse sido varrida da face da terra no final do século I”, escreve Ramsay MacMullen, “seu desaparecimento não teria causado nenhum deslocamento no império, já que sua presença dificilmente era notada naquela época [...]. Três séculos mais tarde, ela já tinha sido bem-sucedida no deslocamento ou supressão das outras religiões da população do império”.¹

Embora a evangelização e o estabelecimento das igrejas tivessem prioridade na igreja do Novo Testamento, pontos teológicos logo vieram para o primeiro plano na era do imperador Constantino, e os líderes cristãos se viram assediados não apenas pelas influências heréticas externas, mas também por controvérsias doutrinárias internas. Os teólogos promulgavam credos e os concílios da igreja discutiam a respeito de tudo, desde a divindade de Cristo até a data da Páscoa. Nesse processo, o fervor missionário do Novo Testamento diminuiu. O esforço missionário para alcançar outras pessoas para Cristo continuaria nos séculos depois de Constantino, em grande parte por intermédio dos ministérios monásticos — alguns mais polidos e apropriados que outros. Por exemplo, um dos mais celebrados evangelistas do século V foi um santo singular, Simeão Estilita. Ele habitava em uma coluna próxima de Antioquia, onde ficava “dia após dia tostando, [...] atraindo a si, por causa de sua grande reputação, os mais variados visitantes dos lugares mais distantes”.² O bispo Teodoret, que passou algum tempo em uma

pequena área na base da coluna de Simeão, escreveu sobre o apelo evangelístico que irradiava desse remoto posto:

[Até os beduínos], aos milhares, escravizados às trevas da impiedade, foram iluminados por esse posto sobre a coluna. [...] Eles chegavam em grupos, 200 deles em um grupo, 300 em outro, ocasionalmente milhares deles. Renunciavam com seus gritos aos erros tradicionais que cometiam; quebravam os ídolos que veneravam na presença daquela grande luz; e renegavam os rituais extáticos de Afrodite, o demônio cujo serviço aceitavam havia muito tempo. Desfrutavam da iniciação religiosa divina e recebiam suas leis proferidas pela língua santa [de Simeão]. [...] E, eu mesmo fui testemunha dessas coisas e as ouvi enquanto eles renunciavam à impiedade ancestral e se submetiam à instrução evangelística.³

A invasão dos bárbaros e a queda subsequente do império romano, porém, suspendeu pelo menos temporariamente os conflitos. A Europa ocidental passava por um período caótico e exigia a habilidade e o talento de alguém como Gregório, o Grande, bispo de Roma (590-604), para estabilizar a igreja e revitalizar sua atividade missionária. Ele percebeu a necessidade de alianças políticas e estabeleceu um modelo de colaboração entre igreja e estado que se manteve durante séculos. Observou também que a igreja não podia simplesmente manter sua presença entre os povos hostis sem o apoio militar desses governos temporais.

Carlos Magno (742-814), o grande rei francês, destacou-se sobre todos os demais soberanos pelo seu apoio militar ao cristianismo. Nenhum outro rei antes ou depois dele deu tanta ênfase à cópia e à divulgação da Bíblia. Carlos Magno levou o cristianismo nominal a inúmeras regiões da Europa e foi o primeiro instigador do Renascimento Carolíngio que protegeu o ensino e uma grande variedade de atividades cristãs.

Embora o movimento cristão, aliado a tais líderes, parecesse estar ganhando terreno com os bárbaros na Europa central, ele diminuía diante da força poderosa do islamismo, à medida que essa religião mais recente se espalhava do oriente para o ocidente, através da Palestina, da África e entrava na Espanha. Os muçulmanos foram detidos pela força militar na Batalha de Tours em 732 e, nesse período, a força era considerada por muitos líderes como a única resposta viável a essa ameaça abrangente. As Cruzadas (1095-1291), descritas por Ralph Winter como “a interpretação errada mais maciça e trágica da missão cristã em toda a história”,⁴ foram iniciadas com a finalidade de reaver territórios perdidos. Finalmente elas vieram a falhar nesse sentido, enquanto ao mesmo tempo desviaram vastos recursos da cristandade de qualquer verdadeiro empreendimento missionário.

Não queremos sugerir que não havia organizações missionárias sinceras durante a Idade Média; missionários celtas e arianos conduziram empreendimentos evangelísticos dignos de nota, introduzindo vastos números de bárbaros na igreja. Em muitos casos, os monges católico-romanos desempenharam mais tarde um papel relevante na evangelização dos bárbaros. Os beneditinos tiveram particular influência ao fundarem núcleos missionários em regiões remotas; mas o acúmulo gradual de riquezas finalmente acarretou sua queda, não só desviando a atenção dos monges dos assuntos espirituais, como também tornando os monastérios o alvo principal dos ataques da parte dos *vikings*.

Os ataques dos godos, visigodos e vândalos, que fizeram cair o império romano, foram brandos em comparação com as invasões posteriores dos *vikings*. Esses guerreiros e navegantes “eram a escória da Inglaterra e do continente”, segundo Herbert Kane. “Suas incursões sobre os monastérios e igrejas foram tão devastadoras que, durante certo período, o avanço missionário da igreja da Inglaterra ficou ameaçado.”⁵ “O vulcão irlandês, que despejara lavas ardentes a favor da evangelização durante três séculos”, escreve Winter, “esfriou quase até a extinção”. A destruição dos monastérios, porém, não anulou o testemunho evangélico. “O poder fenomenal do cristianismo”, como salientado por Winter, não podia ser destruído: “os conquistadores acabaram conquistados pela fé dos cativos. Os monges vendidos como escravos ou as moças cristãs forçadas a tornarem-se esposas e amantes deles, finalmente dominaram os selvagens do norte.”⁶ Não obstante, os ataques dos *vikings* foram um golpe devastador para a estabilidade das tradições celtas e romanas nas Ilhas Britânicas e na Europa central.

A destruição de manuscritos bíblicos, juntamente com os monastérios e igrejas, teve um efeito negativo sobre as missões, mas houve outros que constituíram, sem dúvida, um obstáculo ainda maior à evangelização durante a Idade Média. A liderança da igreja durante grande parte do período medieval se encontrava em uma triste condição. O poder do papado convidara durante muito tempo ao abuso, e, no século X, a decadência desse setor chegara ao ponto máximo. Alguns dos papas foram contados entre os maiores patifes da sociedade. O Papa Estêvão IV (morto em 772) levou seu predecessor morto a julgamento (apoiando o cadáver em uma cadeira, a fim de enfrentar o sínodo), e ele mesmo foi lançado à prisão, onde, depois de servir por menos de um ano, foi assassinado por ordens de um oponente católico. Outros papas cometeram abertamente atos imorais e criminosos, enquanto ocupavam o cargo. O Grande Cisma dos séculos XIV e XV, resultando em dois papas, e em três por algum tempo, em nada contribuiu para melhorar a imagem do cargo ou a espiritualidade da liderança da igreja.

Essa forma política do cristianismo achava-se muito envolvida em outros assuntos para interessar-se pelas missões, e o mesmo acontecia com a tradição acadêmica.

As doutrinas teológico-filosóficas da Idade Média, conhecidas como escolasticismo, ocupavam as mentes mais esclarecidas da igreja. Os eruditos deixaram de lado as atividades práticas e se dedicaram ao ofício de reconciliar o dogma com a razão. “Com confiança intrépida”, escreve Philip Schaff, “esses pensadores ocupados aventuraram-se às mais sublimes especulações, levantaram e responderam a toda sorte de dúvidas e fizeram passar todo dogma aceito por uma provação difícil, a fim de mostrar sua natureza invulnerável. Eles foram os paladinos da teologia [...]. A filosofia [...] era sua serva [...]”, e “a dialética, a sua espada e lança”.⁷

Do lado positivo, em quase todos os pontos houve movimentos para purificar a igreja. Vários esforços foram feitos no sentido de reformar o papado, alguns com mais êxito do que outros. Houve também reformas monásticas relevantes – que resultaram, em geral, em maior avanço evangelístico. A reforma de Cluny, que teve início em 910, no monastério de Cluny no centro da França, foi o começo de uma renovação espiritual no monasticismo. Ela foi seguida pelo ministério inspirador de Bernardo de Clairvaux (1090-1153) e pela fundação dos cistercienses que fizeram ressurgir com maior vigor a atividade evangelística na Europa. O maior desenvolvimento nas ordens religiosas católico-romanas, no entanto, veio com o surgimento dos frades – os monges pregadores que no final do período medieval tiveram uma enorme influência sobre as missões da igreja. Os franciscanos (ordem fundada em 1209), os dominicanos (ordem fundada em 1216), e mais tarde os jesuítas (ordem fundada em 1534) plantaram igrejas e monastérios na Europa e em todo o mundo.

Para muitos cristãos, esses movimentos de reforma não foram suficientes e, através de todo o período da Idade Média, houve lutas no sentido de purificar o corpo de Cristo, diretamente em oposição à Igreja Católica Romana. Os valdenses são um excelente exemplo. Embora taxados de hereges, estavam muito mais próximos do cristianismo do Novo Testamento que a maioria dos católico-romanos. Enfatizaram grandemente a evangelização, o estudo bíblico e a dedicação pessoal a Cristo. Desde o século XII até o XV, eles fizeram sentir a sua presença na Europa central e oriental. A partir do século XIV, os seguidores de Wycliffe e Huss instituíram reformas similares, abrindo caminho para a Reforma Protestante.

A Reforma do século XVI infelizmente contribuiu pouco para a evangelização de povos ainda não alcançados. A renovação espiritual na Europa introduziu uma fé significativa para grandes segmentos da população, mas a urgência de alcançar outros não foi vista como uma prioridade especial. Os protestantes mantiveram-se ocupados lutando pela sua própria sobrevivência (e, lamentavelmente, também houve conflitos internos) e a Grande Comissão foi praticamente esquecida.

A Reforma Protestante, como aconteceu com todos os demais movimentos de reforma através da história da igreja, teve dificuldades em manter sua vitalidade

espiritual. O entusiasmo gerado por Lutero, Calvino, Melânchton e Zuínglio logo começou a diminuir, e muitas igrejas protestantes tornaram-se apenas apêndices do estado com novos nomes. Mas, como acontecera no passado, por mais que a igreja estabelecida caísse, sempre havia aqueles que procuravam um significado espiritual mais profundo na vida. O movimento anabatista, do qual surgiram a igreja dos Irmãos e a dos Menonitas, procurava alcançar pessoas para Cristo com seu zelo evangelístico e, durante os séculos XVII e XVIII, os reavivamentos evangélicos favoreceram o avanço das missões. O pietismo no continente e os movimentos evangélicos na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos levaram a uma revitalização do cristianismo, da qual brotou um interesse ardente pelas missões. Os pietistas e seus sucessores, os morávios, ataçaram as chamas no mundo inteiro e os cristãos da Grã-Bretanha e Estados Unidos foram movidos a agir, interessando-se pela condição espiritual dos índios americanos nativos. A aurora do movimento missionário protestante moderno começou, mas somente depois de séculos de incerteza.

NOTAS

- ¹ Ramsay MacMullen, *Christianizing the Roman Empire (A.D. 100-400)* (New Haven: Yale University Press, 1984), viii.
- ² *Ibid.*, 2.
- ³ *Ibid.*
- ⁴ Ralph D. Winter, “The Kingdom Strikes Back: The Ten Epochs of Redemptive History,” in *Perspectives on the World Christian Movement*, ed. Ralph D. Winter and Steven C. Hawthorne (Pasadena: William Carey, 1981), 150.
- ⁵ J. Herbert Kane, *A Concise History of the Christian World Mission: A Panoramic View of Missions from Pentecost to the Present* (Grand Rapids: Baker, 1978), 43.
- ⁶ Winter, “The Kingdom Strikes Back,” 148.
- ⁷ Philip Schaff, *The Middle Ages*, vol. 5 of *History of the Christian Church* (Grand Rapids: Eerdmans, 1979), 588–89.

A história de missões é a história das vidas que Deus usou para transformar o mundo. Neste livro de biografias missionárias, Ruth Tucker pinta os retratos dos que atravessaram fronteiras geográficas, culturais e linguísticas para levar a mensagem de Cristo, desde os primeiros séculos da era cristã até os dias atuais.

Nesses retratos, a autora jamais oculta as fraquezas das personalidades sobre quem escreve, nem as críticas a elas dirigidas. Vemos nesses homens e mulheres seres falíveis e humanos, tanto em suas derrotas como em seus sucessos. É desafiador observá-los não apenas como se estivessem num pedestal (como grande parte da história e da biografia missionária geralmente os apresenta), mas com os pés enlameados e o rosto sujo, embora usados por um Deus soberano e amoroso.

De valor indiscutível é a seção, escrita especialmente para o leitor brasileiro, sobre as missões no Brasil, com as biografias dos primeiros missionários que vieram para nossa terra e dos que saíram daqui para ministrar em outros países.

Esse livro certamente contribuirá com uma dimensão nova, muito necessária ao tema de missões.

Ruth Tucker obteve o doutorado em História pela Northern Illinois University. Atualmente, ela ensina na área de missões no Calvin Theological Seminary em Grand Rapids, Michigan, nos Estados Unidos.